

1.1. Paternidade Vai Além do Sangue: Como a Influência na Infância Define o Adulto e Cura a Síndrome da Orfandade

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Desenvolvimento Pessoal | Data: 15/11/2025 10:58

1. O Conceito Ampliado de "Filho" e o Chamado à Influência Incondicional

A ideia de **paternidade** e **maternidade** deve ir muito além do vínculo biológico. O conceito fundamental a ser absorvido é que **"filho" não é apenas aquele que "vem da gente," mas também aquele que "passa pela gente."** Isso significa que, mesmo que você ainda não tenha gerado um filho biológico, você já tem pessoas em sua vida que são consideradas seus "filhos" no sentido de influência e responsabilidade.

Essa visão ampliada exige que cada pessoa participe ativamente da **educação** e do **treinamento** daqueles que chegam até ela, seja no âmbito familiar ou profissional. Por exemplo, os **clientes** para um psicólogo, os **alunos** para um professor ou mesmo o passageiro que **contratou** um taxista são, em essência, "filhos" que passam por nós, oferecendo uma oportunidade de influência.

Se negligenciarmos essa responsabilidade, acabamos **desprezando pessoas em detrimento de outras**. A vocação central e o chamado maior para qualquer pessoa é, em primeiro lugar, **amar as pessoas** de forma genuína e **incondicional**. Perder a oportunidade de influenciar positivamente na vida de quem passa por nós é falhar nesse propósito maior.

2. O Desafio da Parentalidade: A Falta de Preparo e a Referência Paterna

Apesar da importância fundamental de educar e treinar os "filhos" que geramos, a realidade para a maioria dos pais e mães é a **ausência total de preparo**. Ninguém recebe um treinamento formal ou uma cartilha de instruções ao assumir a função parental.

A única referência de **"treinamento"** que possuímos é a que foi fornecida pelos **nossos próprios pais**. Isso levanta a questão crucial: **a referência que tivemos foi a melhor referência?** Na maioria dos casos, a resposta sincera é **não**. Contudo, é vital reconhecer que, embora não tenha sido a melhor, foi o **melhor que eles puderam entregar** no contexto e com as ferramentas que possuíam.

A reflexão sincera sobre se **"seu pai foi um bom pai?"** ou **"sua mãe foi uma boa mãe?"** é um exercício que nos leva invariavelmente a buscar informações em um período específico de nossas vidas: a **infância**. A memória da infância é o único **parâmetro** que temos para justificar as qualidades ou deficiências de nossos pais, pois é nesse período que as marcas mais profundas são feitas.

3. A Marca Inapagável da Infância: Por Que as Lembranças de Pai e Mãe nos Definem

Ao refletir sobre a qualidade da criação que recebemos, automaticamente recorremos à **infância**. Isso acontece porque a **infância é a única fase da vida do seu filho que você tem para marcá-lo**. Caso essa janela crucial seja perdida, torna-se muito mais **difícil** (embora não impossível) reverter as marcas e influências.

Se o pai ou a mãe não estabelecem uma marca significativa e positiva durante a infância, o filho, na vida adulta, pode olhar para o genitor como "uma pessoa", ou "um cara legal", mas não como **pai ou a mãe que ele gostaria de ter tido**.

É fundamental entender que a falha em marcar positivamente raramente é intencional. O pai não agiu por mal, mas a falta de preparo e orientação pode ter causado dor. O palestrante utiliza a analogia de "**pisar no pé sem querer**":

"Eu piso no seu pé, sem querer, e tá doendo o seu pé. Eu digo: me desculpa, foi sem querer, não foi por mal. Parou de doer? Não parou."

O pedido de desculpas ou a alegação de boa intenção **não anulam a dor** causada. Alguém pode ter provocado um mal profundo na vida do filho simplesmente por **falta de orientação** e de ferramentas adequadas. O objetivo deste treinamento, portanto, é fornecer as **ferramentas** e as habilidades necessárias para que os pais (ou influenciadores) possam **administrar** e educar de forma mais eficaz, evitando as dores não intencionais.

4. As Três Prioridades da Vida e a Importância da Crença Paternal

Para aqueles que buscam uma vida alinhada com princípios espirituais, existem **três prioridades** fundamentais que regem a existência:

1. **Deus:** O relacionamento vertical e a fé pessoal.
2. **Vocação:** O chamado e o propósito de vida.
3. **Casamento:** O relacionamento conjugal e familiar.

Ainda que Deus seja a primeira prioridade, é estabelecida uma ordem de crença no desenvolvimento do filho: **antes de o filho acreditar em Deus, ele precisa acreditar em você** (o pai ou a mãe). A autoridade e a credibilidade dos pais servem como o primeiro ponto de contato com a autoridade divina.

*"Se o seu filho **não acredita em você**, ele **não acredita no Deus que você acredita**."*

A manifestação dessa realidade pode ser observada em experiências pessoais, como a trajetória com o filho Davi. Inicialmente, durante os seus primeiros **cinco anos**, o palestrante agia como um pai que replicava o modelo que ele próprio havia recebido, resultando em um comportamento que hoje ele identifica como falho. Após mudar para uma "**nova versão**" de paternidade (a partir dos seis anos de Davi), ele percebeu que as marcas da primeira fase, como certa **insegurança** e a manifestação de **déficit de atenção com hiperatividade**, são resquícios daquele período anterior. Já a filha Sofia, que conheceu o pai em sua "**nova versão**" desde o nascimento, apresenta características diferentes.

É importante frisar que a dificuldade de lidar com um filho com TDAH, por exemplo, muitas vezes faz a tarefa parecer uma "**manifestação demoníaca**", mas na verdade, **é difícil** e exige **habilidades** que os pais não foram preparados para ter. Se algo é difícil, é porque demanda capacidades que não possuímos, e ninguém nos ensinou como adquiri-las. O que os pais fazem é simplesmente reproduzir o que aprenderam.

5. A Síndrome da Orfandade e Suas Consequências na Vida Adulta

Embora o foco da discussão tenha se concentrado na infância e na parentalidade, é crucial notar que o palestrante é especialista em **adulto**, não em criança. A abordagem é feita a partir da **dor presente**, percebendo que as dificuldades e comportamentos observados nos adultos têm suas raízes plantadas na **infância** e nas interações com os pais. O objetivo é conectar o que o adulto sente e faz hoje (o **porquê**) com a sua história de vida.

O tema central é a **Síndrome da Orfandade**. O termo é usado em um sentido amplo e não se restringe à ausência física dos pais. A "orfandade" pode ser resultado de ter um **pai vivo**, mas que é **ausente, bruto, incoerente, insensível** ou com um **coração de pedra** (aqui, o termo "pai" deve ser entendido como **pais**, incluindo a mãe).

O treinamento se concentra nas **consequências** dessa orfandade emocional ou física na **vida adulta** do indivíduo. Em vez de focar no *como* a pessoa se tornou órfã (o trauma de origem), a ênfase é em **o que acontece com o adulto hoje** que foi filho de pais ausentes, despreparados ou emocionalmente indisponíveis. A solução proposta, portanto, começa no presente, na vida adulta, para tratar as feridas do passado.

6. Gerenciamento de Problemas e a Elegância da Discrição Familiar

É natural que os pais se sintam sobrecarregados e imperfeitos. O palestrante reconhece não ser um "santo" e usa o humor para abordar a discrepância entre a realidade familiar e a imagem pública: as **fotos e vídeos** de família perfeita nas redes sociais são resultado de "**milhões de tentativas**" e não refletem o dia a dia.

Um exemplo prático e humorístico dessa gestão de imagem é a "**Analogia da Família Perfeita no Elevador**": um casal pode estar discutindo intensamente (sobre atrasos ou desorganização) enquanto se dirige ao elevador. No momento em que o elevador para e a porta se abre, há uma transformação instantânea, um código: "**Modo Família Perfeito**" é ativado, e a família sorri e se comporta de forma impecável.

Este comportamento não deve ser visto como **falsidade**, mas sim como **elegância**. O princípio orientador é:

"Ninguém tem que saber dos seus problemas, a não ser que sejam pessoas que vão te ajudar a resolver os seus problemas."

Compartilhar a dor familiar, na verdade, **contamina** o ambiente e as pessoas ao redor. A sugestão de comportamento é agir de acordo com o que se deseja sentir: se você começa a **secomportar como deveria se sentir**, uma hora você realmente começa a **sentir** essa nova realidade.

Este princípio de discrição se estende ao relacionamento conjugal: os problemas da "**casa nova**" (o casamento e a nova família) não devem ser levados para a "**casa antiga**" (a família de origem, como os pais ou a mãe). A sogra ou a mãe do cônjuge não precisa saber dos detalhes e dificuldades do casal, garantindo assim a autonomia e a integridade da nova unidade familiar.